5.º ANO LISBOA—SEXTA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO DE 1925 N.º 1413

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

TREZ delegações—romena, italiana e grega—negoceiam em Washington a consolidação das dividas dos seus respectivos países.

Durante a guerra todos os aliados lutaram pela liberdade e pelo direito.

Feita a paz, quebrou-se a fraternidade das armas, aparecendo dum lado devedores e do outro credores.

De tanto heroismo só queda hoje isto—um apuramento de contas.

Razão tinham os que afirmavam que os soldados mortos nos campos de batalha teriam de se pôr de pé uma segunda vez para pedirem aos argentarios que não gritassem alto junto das suas campas.

* * *

DA Legação de Espanha recebemos uma nota referente á pretensa insubordinação de tropas de Madrid contra o Directorio, noticiada pelos jornais da manhã, num telegrama de Londres.

Dois generais, três coroneis e um outro oficial, todos da reserva, tentaram levantar alguns regimentos, mas com tão resumido exito que os pseudo-aliciados se apressaram a denunciá-los.

Facil foi, portanto, ao Directorio metê-los na cadeia, sem que houvesse efusão de sangue.

* * *

UMA noticia novinha e que, por varias razões, sai fora da respectiva rubrica: Ilda Stichini e Rafael Marques vão dar uma serie de recitas no Salão Foz. O respectivo contracto foi hoje firmado com o distinto e habil empresario, Artur Emauz.

Estreiar-se-hão com o *Mon homme*... Dois bons golpes, como se diz em tecnica teatral.

* * *

DAS Oficinas do «Comercio do Porto» saiu o *In Memoriam* de D. Sebastião Leite de Vasconcelos, arcebispo de Damieta—um riquissimo volume em que nacionais e estrangeiros celebram as altas qualidades cristãs do saudoso prelado que consagrou toda a sua laboriosa existencia ao amôr de Deus e ao culto da Patria.

* * *

A FAMILIA do comandante Sacadura Cabral manda celebrar ámanhã, 1.º aniversario da sua morte, na Igreja dos Martires, uma missa cantada, a grande instrumental, seguida de «Libera-me», convidando para este acto solene e piedoso todos os amigos e admiradores do ilustre português.

* * *

REUNIU-SE hoje, sob a presidencia do vice-almirante sr. D. Bernardo da Costa, a comissão do dominio publico maritimo, que se ocupou de varios pedidos de concessões de terrenos.

* * *

O GOVERNO britanico enviou um convite aos governos francês, italiano, belga e germanico, para se proceder no dia primeiro de dezembro á assinatura do Tratado de Locarno.

* * *

CHOCARAM em Plainsboro dois comboios de passageiros, contando-se até agora doze mortos e 25 feridos de gravidade.

* * *

O GOVERNO belga ordenou a expulsão do deputado comunista francês Marty.

O Caminho de Ferro de Benguela

Nós não queremos criar dificuldades ao governo nem mesmo aspiramos a levar seja quem fôr á suposição de que ele segue, de preferencia, a linha do menor esforço, no estudo das questões que o assoberbam.

Preferimos estar a seu lado que combate-lo.

E' por isso que nesta ligeira escaramuça em que nos metemos para defender os interesses e o prestigio de Portugal, o nosso intento não é tomar uma atitude tamboresca, a fim de alarmarmos a credudilidade publica, com clamorosos cartazes de circo de feira.

O caso do Caminho de Ferro de Benguela, que ontem principiou a ser discutido em conselho de ministros, deve ser tratado serenamente, porque de outra sorte não se lhe encontrará uma justa solução.

Quando assim nos exprimimos, arredamos por completo a ideia de que alguem queira aproveita-lo para lançar poeira aos olhos dos ingenuos, apresentado-lhes como optima qualquer perspectiva mais enganosa que a compaixão de um avarento.

Angola ouve com crescente atenção tudo o que se refere a tão momentoso assunto.

Se, porventura, ainda ha quem acredite em que ela se resigne a aceitar maravalhas por maravilhsa, engana-se redondamente.

A unica saida para a decente prorogação de prasos que pede o sr. William é este senhor decidir-se a transacionar lealmente, dando as necessarias compensações.

O governo, segundo nos informam, colocou-se em bom terreno, pois assentou acabar com o sistema dos favores e dos presentes.

Não se admitia que, tendo ele avocado a si atribuições que eram da competencia do alto comissario de Angola, aproveitasse esse abuso de autoridade para fazer de forte, perante os nacionais, mas só para mais gostosamente se humilhar, perante estrangeiros.

Que especie de compensações exige ele do sr. Robert Williams?

Se fôsse verdadeiro o que nos dizem, seria caso para bradar, em alta voz:

—Cuidado! Cuidado!

Apresentar-nos como uma realidade qualquer participação enigmatica do governo numa futura e incerta emissão de obrigações da Companhia de Benguela—20 % em cada—equivale a deixar nas mãos cautelosas do sr. Williams o que nos pertence e elè não deseja entregar-nos.

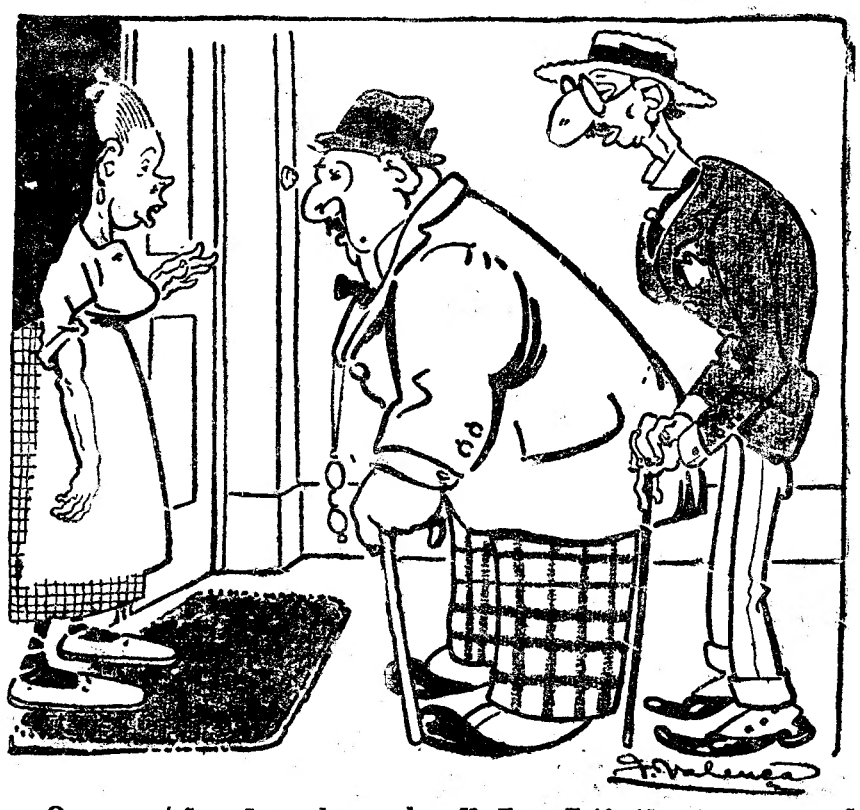
Basta-lhe para tanto acabar com a emissão de obrigações, obtendo da *Tanganika*, por emprestimo, o que poderia alcançar por subscrição publica.

Tambem achamos imprudente adiar para mais tarde a discussão sobre o traçado do ultimo percurso do Caminho de Ferro, antes de ligar-se ao Congo Belga.

Para que conservamos esse trunfo fóra do jogo?

Visto que a ocasião aparece favoravel para desanuviar o horisonte, porque teimamos em mostrar uma timidez tão pouco politica para vencermos, mas bastante arteira para nos iludir?

INSISTENCIA



—O meu patrão não pode receber V. Ex.ª. Está tão doente que não conhece ninguem
—Não faz mal. Nós trazemos cartão de apresentação.

ESTA definitivamente aprovado o regulamento da Caixa de sobrevivencia *O Futuro*, organisada pela Associação de Socorros Mutuos dos Empregados do Estado, tendo já começado a inscrição de socios, na séde da Associação, rua Augusta, n.º 8. São admitidos todos os funcionarios até á idade maxima de 70 anos, de qualquer categoria ou situação, embora não pertençam á Associação organisadora da Caixa.

Devido ás vantagens oferecidas, tem sido numerosa a inscrição de candidatos.

A' actual direcção da Associação de Socorros Mutuos dos Empregados do Estado se deve aquela util iniciativa, com a qual fecha brilhantemente a sua gerencia, e a quem se deve tambem outras medidas dignas do maior elogio, pelo prestigio e desenvolvimento que tem trazido áquela antiga colectividade.

* * *

NO quartel do Carmo, constituiu-se uma comissão, de que fazem parte o capitão Sarmento Rodrigues e os tenentes Antonio Gonçalves e Paiva e Silva, a fim de reunir dadivas—brinquedos e dinheiro—para ofertar aos filhinhos dos soldados da guarda, por ocasião do Natal.

Como a ideia é o mais carinhosa e simpatica possivel, recomendamo-la á benevolencia dos nossos leitores, na certesa de que nos atenderão.

* * *

ACOMPANHADA duma carta da sr.ª D. Carolina Micaëlis de Vasconcelos, vai ser reeditada uma interessante obra de ensino: a «Gramatica das Criancinhas», dissertação da sr.ª D. Virginia Faria Gersão. Da mesma autora, a seguir, deve publicar-se a «Geometria das Criancinhas», com prefacio tambem da sr.ª D. Carolina Micaëlis.

* * *

O EMBAIXADOR do Brasil e madame Cardoso de Oliveira, recebem, como de costume, na Embaixada, Rua Antonio Maria Cardoso, depois de amanhã, 15, data da proclamação da Republica, das 17 ás 20 horas, os membros da colonia brasileira e as pessoas das suas relações oficiais e particulares que quizerem comparecer. Não ha convites especiais.

* * *

UM comunicado oficial de Washington anuncia a conclusão do acôrdo italo-americano para o pagamento das dividas de guerra, o qual será amanhã assinado pelas duas delegações. Como se vê, os italianos foram mais felizes do que os franceses—que trouxeram apenas da America algumas promessas risonhas...

* * *

A SITUAÇÃO na Siria complica-se. Os rebeldes drusos, que se aproximam cada vez mais de Damasco, tentaram atravessar a fronteira da Palestina, sendo repelidos pelas tropas inglesas.

* * *

HA já algum tempo que se encontra afastado da direcção da «Tarde», por motivo de doença, o nosso ilustre camarada de imprensa sr. Jorge de Abreu, a quem desejamos rapidas melhoras.

* * *

ENCONTRA-SE em Lisboa o nosso antigo camarada da imprensa, sr. Israel Anahory, consul de Portugal em Cette.

A musica

Sociedade de Concertos

Foi esta agremiação de cultura musical, fundada por José Viana da Mota. Mais, o seu nome, tão prestigioso entre nós como nos principais países estrangeiros, foi a bandeira em torno da qual se congregaram os esforços e as boas vontades para levar o grande empreendimento a bom termo.

Constituiu-se a sociedade e Viana da Mota, tomando a seu cargo a direcção artistica, deu-nos, embora atravessando o periodo mais calamitoso do nosso cambio, epocas sempre interessantes pelo valor dos interpretes e artistica organisação dos programas. Hoje, que Viana da Mota se afastou do cargo em que permaneceu durante oito anos, com sacrificio dos seus interesses pessoais, não queremos deixar de recordar estes factos, prestando á sua iniciativa e ao seu trabalho a merecida homenagem.

Abriu a nova epoca, na passada terça-feira, com o pianista espanhol José Iturbi, que, de reputação, ha uns três ou quatro anos conhecíamos. E' um artista de execução fluente, tecnica francesa, com as qualidades de elegancia e finura que se podem deduzir desta classificação. Agradou-nos muito a sua interpretação da sonata de Mozart, assim como as da valsa em mi menor, de Chopin, de dois estudos do mesmo e do «Rêve d'amour», de Liszt, e menos as dos «Estudos sinfonicos», de Schumann, e da polaca em lá bemol, de Chopin. Nas variações de Paganini-Brahms deu brilhantes provas tecnicas.

Interpretou com relevo e graça obras de Manuel Infante, fechando o programa com a 2.ª rapsodia de Liszt.

No segundo concerto as interpretações foram mais homogeneas, sem duvida por se harmonizar melhor o programa com o temperamento do artista.

Ouvimos a «fantasia cromatica e fuga», de Bach; o «Preludio fuga e variações», de Cesar Franck; «La Chasse» e «Rondó caprichoso», de Mendelssoln; «Navarra», «El Puerto» e «Triana», de Albeniz; «Humoresque», de Rachmaninoff, e «Islamey», de Balakireff.

Solicitado por calorosos aplausos, José Iturbi, fez-nos ainda ouvir fóra do programa, na segunda parte a «canção valenciana», de Granados, e, no fim, «Ronde des gnomes» e «Campanella» de Liszt; «Seguidillas», de Albeniz, e duas valsas de Brahms e Chopin.

Luiz de Freitas Branco

S. Carlos

O terceiro concerto sinfonico dirigido pelo maestro Emilio Cooper, concerto que circunstancias imprevistas fizeram o ultimo da série que este ilustre artista se propunha dirigir, constituiu uma das maiores consagrações que entre nós se tem feito a um director de orquestra. O programa, tão interessante como os anteriores, constava da primeira audição integral do bailado «Passaro de Fogo, de Strauwisky e de outra primeira audição importante: a da 3.ª sinfonia de Seriábin, alem do «Lago encantado» e do «Kikimora», de Lindoff.

Todas as interpretações, graças ao extraordinario temperamento do maestro Cooper, atingiram uma intensidade de expressão que dominou por completo o numeroso publico.

No intervalo da 2.ª para a 3.ª parte, foi entregue ao ilustre regente um valioso objecto de arte, oferecido pela orquestra.

O PERIPLO DE AFRICA

A CRITICA

e o livro

de Norberto Lopes

"Mais vale andar no mar alto . . .,,

Continuamos hoje a arquivar gostosamente as apreciações da imprensa ao novo e interessante livro *Mais vale andar no mar alto...* do nosso querido camarada Norberto Lopês—indubitavelmente um dos maiores exitos de livraria dos ultimos tempos:

Norberto Lopes, nosso estimado colega na imprensa, é um dos jornalistas portugueses da geração nova mais brilhante e de mais equilibrado e mais verdadeiro talento. A sua prosa é vibrante, colorida, dum impressionismo vivo e sugestivo e ao mesmo tempo duma rara correcção e vernaculismo.

Estes predicados todos, comprovados tanta vez na sua obra jornalistica, foram confirmados nas formosas cronicas do periplo d'Africa, que escreveu para o *Diario de Lisboa*. A observação justa e feliz dos factos, a descrição fotografica da paisagem e a pintura em traços breves e precisos das personagens davam a essas cronicas, escritas num português de lei, um encanto especial e um cunho caracteristico, inconfundivel.

Norberto Lopes coligiu em volume, numa bela edição da *Renascença Grafica*, as cronicas em tempos publicadas no *Diario de Lisboa*.

Relemo-las com o renovado aprazimento e com o deleite de espirito que causam todas as coisas boas e em bom e escorreito português escritas.

De *A Epoca*.

No dia em que este livro foi posto á venda, chamou-me a atenção, em plena Rua do Carmo, um espectaculo estranho: três marinheiros a olharem a montra duma livraria, a montra onde paro sempre, para vêr... Desta vez parei, mais para ouvir. Discutiam quanto custaria o livro feito por «aquele paizano que seguia no *Git Eannes*». Um alvitrava que era obra para tres escudos; outro, mais dentro da sua terra, ia até aos cinco mil réis... Polémica... indecisões... jôgo do empurra... até que um lá entrou, para comprar o volume, enquanto os outros, de olhos pregados na vitrine, continuavam a gostar do titulo: «Mais vale andar no mar alto...» E repetiam muitas vezes o nome que os lisongeava.

Este episodio, despertando a minha curiosidade, deu origem a que eu lesse o livro de Norberto Lopes, antes de chegar ao «Domingo Ilustrado» o exemplar oferecido.

Os livros de viagens agradam-me imenso e irritam-me bastante. Ler as memorias dum viajante é vêr pelos olhos de outrem; é ter mais pena de não poder vêr tambem; é ouvir uma voz a gritar que devemos sacudir a força da inércia e procurar vêr a todo o transe, vêr sempre, vêr tudo, emquanto é tempo ainda, emquanto possuimos a graça de sentir os olhos abertos. E como nenhum cego admite, de bom grado, referencias á sua cegueira, assim eu não aceito, de bom humor, os livros de viagens... Recebo-os hostilmente; abro-os sem precauções; leio-os com sofreguidão; largo-os com saudade...

A todos. Mas a saudade é tanto maior quanto foi tamanha a ilusão de ter eu propria errado pelo mundo que o autor percorreu, de ter, como ele, vivido sob quaisquer ceus de encanto e mesmo em terras de desilusão ou sobre algum mar traiçoeiro. Ora o livro de Norberto Lopes, ou antes, a longa viagem que acabei de fazer a bordo duma brochura de tresentas paginas—tresentos dias dum lindo ano pequenino—deixou-me grandes, imensas saudades, tantas que talvez eu a recomece amanhã, talvez me resolva a tornar a vêr o Funchal desnacionalizado, o Cabo Bojador — a porta áurea do Portugal de maravilha! — e, depois de Cabo Verde—verde de angustias e de fome—, o «Cap Polonio» a passar á vista da esquadra a sua riquesa de cabo flutuante...

Mais vale andar no mar alto..., não tenham duvida. O livro de Norberto Lopes ficará aqui, ao alcance de mão... Qualquer dia, pego nele e torno a visitar a Guiné, Loanda, Cape-Town, Lourenço Marques, Zanzibar, Aden e Moka; torno a vêr ao longe a cordilheira do Sinai; divirto-me e sonho em Port-Said, em Jerusalem e em toda a Terra Santa, no Cairo, em Tunis, em Carthago .. Carthago!... Nesta altura, «delenda est.», outra vez, a doce visão que me leva a longes climas, através de curtas linhas de prosa, um pouco mais economicas do que as grandes linhas de navegação...

De *Teresa Leitão de Barros*, no *Domingo Ilustrado*.

O meu colega Norberto Lopes acaba de publicar o «Mais vale andar no mar alto...», onde reuniu as suas admiraveis cronicas do Periplo de Africa, que a «Renascença Grafica» lindamente editou e pôs no mercado. Apresentação esplendida, nitida, elegante, portuguesissima de lei. Ainda bem. Norberto Lopes merecia-o. Norberto Lopes é hoje o melhor dos nossos camaradas de jornais e o mais jornalista dos nossos bons jornalistas. E tem esta qualidade espantosamente rara: como camarada não tem um inimigo e como inimigo não tem um camarada. A sua prosa do «Mais vale andar no mar alto...» é limpida e serena como uma doce tarde de primavera nos mares da Galilêa.

De *Paulo Freire*, no *Jornal de Noticias*.

Raul Pereira & C.ª Lt.da
JOALHEIROS
Porto — Lisboa
Rua do Carmo, 87-B
EXPOSIÇÃO permanente de joias, pratas e filigranas portuguesas

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Condessa de Mesquitela, D. Elza de Abreu Franco Sotto Mayor, D. Maria da Piedade Gorjão Henriques, D. Maria Delfina Laranjo Monteiro, D. Maria Leopoldina Meuron Perestrelo de Vasconcelos e D. Maria Cristiina Craveiro Lopes.

E os srs.:

D. Agostinho Deodato de Noronha (Paraty), Diogo Barata de Tovar de Melo Pereira Coutinho, Anibal de Sousa Rego e Antonio Fernandes.

—Faz hoje anos a sr.ª D. Maria Augusta Pinto Barbosa, esposa do nosso amigo sr. dr. Carlos Barbosa.

Noites de arte

No São Luis

O reaparecimento, ontem, no palco deste elegante teatro, da insigne «tonadillera» La Goya, excedeu toda a nossa espectativa, pois a notavel artista alcança de ano para ano maior sucesso; ha quatro anos que nos visita e parece que ainda foi ha dias, que pela primeira vez se apresentou entre nós.

La Goya, com a sua beleza e arte, conseguiu em pouco tempo grangear as simpatias de todo o publico português, que tem por ela uma verdadeira adoração.

Enchendo literalmente a vasta sala do São Luis, recordam-nos ter visto entre outras pessoas as seguintes:

Madame Fiscovitch, viscondessa de Montargil, D. Berta Ortigão Ramos, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Amelia Burnay Morales de los Rios, D. Eduarda Nunes de Carvalho e filha, D. Octavia Guedes Cau da Costa, D. Alda Guedes Pinto Machado, D. Maria das Dores de Melo e Castro de Trigoso, D. Mariana da Camara Pinto Coelho, D. Maria Berta Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Amelia Morales de los Rios Leitão, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Assumpcion Morales de las Rios da Camara (Ribeira Grande), D. Teresa Mendes de Almeida Correia Pereira, D. Maria José de Barros Lima Salgado, D. Eliza da Guerra Baerlein, D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, D. Carmen Morales de los Rios de Castro, D. Laura Santana Galhardo, D. Maria José Teles da Silva, D. Bela James Esteves da Fonseca, D. Margarida Cambon Brandão, D. Maria Mayer Blech, D. Alda Lima Barroso, D. Maria da Gloria Vaz Monteiro Avelar, D. Maria Cristina Teixeira de Azevedo, D. Berta Bastos Mendes, madame Benoliel e filhas, D. Irene de Gonta, D. Emilia Brederode Smith, D. Berta Cambon, D. Rexane Correia da Costa, D. Natalia Cohen Zagury, D. Margarida Seixas Pereira, D. Virginia Luisa Cardoso, etc.

Recita de autores

Com a decima quinta representação, no Eden-Teatro, da engraçada e finissima revista «No país do tirismo...», original dos srs. dr. João Saraiva e Antonio Carneiro (João Fernandes), realisa-se amanhã nesse teatro a recita dedicada pela empresa aos felizes autores, o que é o mesmo que dizer que tudo que de melhor conta a nossa aristocracia dará aí ponto de reunião, visto não só ter sido esta revista escrita propositadamente para ser representada por amadores, como tambem pelas gerais simpatias de que gosam os homenageados.

A noite de amanhã, no Eden, vai ser, decerto, brilhantissima.

Pontos de reunião

Em S. Carlos

Realisa-se amanhã, neste elegante teatro, a primeira representação, em português, da magnifica peça de Charles Méré, «O Principe João», traduzida pelos nossos presados colegas do «Seculo», srs. Cristovão Aires (filho) e Acurcio Pereira, na qual os dois papeis feitos em Lisboa, pelas «vedetes» Magdelene Lely e André Brulé, serão desempenhados em S. Carlos pela insigne artista empresaria sr.ª D. Lucilia Simões e pelo brilhante actor Samwell Diniz, que decerto terão ocasião de mais uma vez evidenciar os seus recursos artisticos.

A noite de amanhã, em S. Carlos, vai marcar decerto mais uma pagina a letras de ouro nos anais mundanos.

"ALLSTER PAVILLON"

Continua em pleno exito no *Alster Pavilion* a simpatica coupletista Lina de Loscar, que brevemente fará a sua despedida para dar lugar á apresentação de três coupletistas francesas, que devem debutar por estes dias e que ali veem inaugurar a epoca de inverno.

O *Alster Pavilion* está sofrendo modificações na sua soberba sala, que a tornem mais confortavel e elegante.

V. EX.a

Certamente não ignora o desespero que causa o apresentar-lhe um objecto como sendo o vosso retrato e quando, na realidade, não o é.

Os retratos da FOTOGRAFIA AMERICA são a perfeita copia do fotografado.

R. Registo Civil, 6, 1.º (ao Intendente)
TELEFONE N. 3029

OS MELHORES ALMOÇOS DE LISBOA
Das 12 ás 14 horas—Preço 10$00 escudos
«CHIC»
Praça dos Restauradores, 20—LISBOA
Das 23 ás 2 h., magnifica canja de galinha

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro
Calçada da Estrela, 18, 1.º Esquerdo

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis
T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
TELEFONE 5205-N.

ULTIMA NOVIDADE
Pó d'arroz
La Goya
Rival de todos os pós de arroz estrangeiros. A' venda em todas as boas casas.
Depositario geral:
F. M. F. Jordão
RUA DA PRATA, 237, 2.º
Desconto a revendedores

Novos Taxis
A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs
comunica que põe em circulação, no proximo domingo, mais 19 automoveis taxis de tipo identico aos 11 já em circulação, secundando assim os desejos dos seus clientes e continuando, portanto, como desde o seu inicio, a tornar acessivel a todas as bolsas o transporte em automovel, estando desde já apta a satisfazer todos os pedidos, e esperando que o publico lhe continue a dispensar a simpatia que até hoje lhe tem dedicado aos seus taximetros.
Os pedidos devem ser feitos pelo
TELEFONE N. 5528
Serviço permanente de dia e de noite
Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs
Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada
Escritorio e Garaje: Rua Almirante Barroso, 21 — LISBOA

CARTAZ

TEATROS

Nacional=A's 21=«Miragem».
S. Luis=A's 21=«A Montaria» e La Goya.
Trindade=A's 21,15=«Madame Pompadour».
Apolo=A's 21,15=«O Saltimbanco».
Avenida=A's 21,15=«O Pão de Ló».
Politeama=A's 21,30=«Raparigas de hoje».
Eden=A's 21,15=«No país do tirismo».
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22,30=«Rataplan!».
Coliseu dos Recreios=A's 9=Companhia de circo.
Salão Foz=A's 14,30 e 20,30=Variedades e cinema.
Bal-Taberin=A's 21=Variedades.
Salão Alhambra=A's 21=Variedades.
Solar da Alegria=Variedades todas as noites.

UM ESTUDO POLITICO E SOCIAL

D. João VI e Junot

e o que é o novo livro de Antonio Ferrão

"A Primeira Invasão Francesa,,

Tem sido muito discutido o acto da familia real portuguesa, e em especial do principe regente, retirar-se para o Brasil, abandonando o país que devia defender, e pondo-se em fuga em face do inimigo externo. Cada um tem argumentado ao sabôr das suas paixões politicas, das suas inclinações sentimentais, e no seu ponto de vista pessoal.

Uns têm atacado tal fuga ao passo que outros procuram justificá-la invocando a impossibilidade de qualquer resistencia e a inutilidade de um sacrificio que não seria heroico porque seria abjecto, limitando-se á vergonha da prisão e do exilio, como sucedeu a Carlos IV.

Ora a questão — parece-nos — não deve ser encarada por este modo, mas no campo dos principios politicos e morais, emfim, nos dominios do *imperativo categorico*.

No regime absoluto os chefes de Estado são os unicos governantes do país e os unicos chefes do exercito. Não tendo o Parlamento, nem os ministros, nem o poder judicial a limitar a sua acção, cabe-lhes a liberdade inteira e absoluta em tudo o que respeita ao governo e á administração do seu país.

Por isso, se, quando no seu tempo, o país atravessa uma época florescente só se fala no chefe de Estado para lhe atribuir todos os beneficios e torná-lo alvo de todos os elogios e de todas as apoteoses, como fautor unico de todos os successos, tambem nas épocas de desgraça e do opróbio ele deve ser considerado o responsavel unico de tais desgraças e de tais opróbios.

Ninguem mais que o principe regente D. João era o responsavel pela nossa desastrada e vergonhosa politica externa, em face da revolução francesa, do consulado e do imperio, e ninguem mais que esse principe era responsavel pela deploravel desorganização em que se encontravam as nossas instituições militares.

Mas ha mais. Quando se intitula monarca por direito divino e se inculca que foi de Deus que se recebeu a *missão* de governar um povo, não defender esse povo e fugir ante o inimigo externo equivale a uma adbicação em face de Deus e a uma traição para com o seu povo.

Nessas circunstancias ha só um caminho a seguir: a resistencia ante o inimigo da Patria, até ao fim: até á morte ou até á vitoria. Só assim um chefe de Estado absoluto realiza o *imperativo categorico*, isto é, procede de fórma que o seu gesto póde ser considerado maxima de comportamento universal.

Mas, ¿foi assim que procedeu Napoleão I em Watterloo, fazendo-se matar no ardor da batalha para não sofrer os vexames da prisão e do exilio? E, ¿foi assim que procedeu Guilherme II nos ultimos actos da tragédia maxima da Grande Guerra que ele desencadeou? Não foi.

¡Que admira, pois, que o nosso principe D. João — que nunca teve veleidades de heroi nem, sequer, de valente, antes pelo contrario, fugisse para não morrer, se outros—com um passado bem diferente e com muito maiores responsabilidades morais e efectivas — em horas dificeis morriam por fugir!

«Uma outra lição se conclue desta obra — e essa é bem consoladora.

Consiste ela em provar, mais uma vez, como são vivaces e indomitos, na alma popular, os sentimentos de amor da Patria e da independencia nacional.»

Palavras são estas do proprio autor, o sr. Antonio Ferrão, academico e infantigavel trabalhador da historia politica, diplomatica e social portuguesa, no prefacio com que abre o seu livro recente «A 1.ª Invasão Francesa», que nos chega agora dos prelos da Imprensa da Universidade de Coimbra.

E' a Invasão de Junot vista atravez dos documentos da Intendencia Geral da Policia, no periodo tragico de 1807-1808.

O livro é mais de gabinete e de biblioteca que de *boudoir*. Por isso mesmo é um livro solido e severo.

Dele reproduzimos um trecho da 1.ª parte, que comenta a saída de D. João VI para o Brasil, saída tida como fuga, por tantos contrariada nesta significação, e por isso mesmo palpitante. Nessa transcrição ha um desenho curioso de Junot, e apresentam-se detalhes da entrada das tropas em Lisboa.

Haviamos deixado Junot aos pulos no quarto, em fralda de camisa, aos gritos e aos murros a uma mesa por não lhe chegarem as tropas da 1.ª Divisão e por nada saber dos seus generais, especialmente, de Laborde, Travot, Charlot e Kellermann, vamos agora encontrá-lo a expargir impropérios e a irradiar ordens para que a infantaria, a cavalaria e a artilharia acelerem as suas marchas.

Entretanto, chegavam a Sacavem as comissões que iam cumprimentar o general em chefe. Era uma delas composta pelo tenente-general Martinho de Sousa de Albuquerque e Alte e do brigadeiro Francisco de Borja Garção Stokler, e ia encarregada pelos governadores do reino de dar as boas vindas a Junot e de se pôr á sua disposição. Uma outra era de representantes do comercio, e, ainda, outra de emissarios da maçonaria portuguesa.

Todos — conselho governativo, maçonaria e comercio, como o clero e a nobreza — não faziam mais que cumprir as determinações do principe, ordenando que os franceses fôssem recebidos como amigos. Efectivamente, no decreto de 26 de Novembro de 1807 o principe, depois de justificar a sua retirada para o Brasil e de nomear o conselho governativo, emite umas *instruções* onde recomenda: «que as tropas do Imperador dos Franceses, Rei de Italia, sejão bem aquartelladas, e asistidas de tudo que lhes fôr preciso, em quanto se detiverem neste Reino, evitando todo e qualquer insulto, que se possa perpetrar, e castigando rigorosamente, quando aconteça; conservando sempre a boa harmonia, que se deve praticar com os exercitos das Nações com as quais nos achamos unidos no continente».

Vêm depois as pastorais do patriarca de Lisboa e dos chefes de outras dioceses com os mesmos conselhos e incentivos — como adiante veremos.

Mas, tornemos a Sacavem onde os 1.500 granadeiros, madrugada alta de 30 de Novembro, deixam a povoação a caminho de Lisboa, trazendo á frente Junot.

Não ha a menor discrepancia entre aqueles — nacionais e estrangeiros — que falam dessa lugubre marcha de espectros. Todos — á uma — acusam o aspecto horrivel que esse bando de esfarrapados, de esquálidos, de estropiados e coxos apresenta, mais comovendo que irritando, mais desafiando a piedade que excitando o ódio.

Pelas nove horas da manhã esse cortejo de mendigos disfarçados de soldados do Grande Exercito entra em Lisboa pelas portas de Arroios.

Nesta 3.ª pagina

O «Diario de Lisboa» continuará a dar ao nosso movimento literario e artistico a maior atenção, fazendo transcrição de trechos de livros novos que a mereçam, e dando á Arte Portuguesa o interesse das criticas e do noticiario constante.

O "Diario de Lisboa"

começará a inserir regularmente, uma vez na semana, nesta 3.ª pagina, apreciações dos livros publicados, quer em Lisboa, quer na provincia, dando a cada obra, segundo o seu merito e importancia, o devido relevo e noticiario.

ESTRELAS DE "CABARET,,

Hermanas Gimeno

Estrearam-se ontem

no "Bal-Tabarin,,

As boas noticias correm velozes. Assim, ontem, por virtude de não ter sido recebido a tempo um telegrama expedido de Sevilha, a empresa do «Bal-Tabarin» não pôde anunciar nos jornais a estreia das incomparaveis artistas Hermanas Gimeno, tendo o publico conhecimento da sua chegada pelo «placard» do «Seculo», que á ultima hora a anunciou. A anciedade era grande e só assim se compreende como, elegante «cabaret» encheu rapidamente as suas vastas salas.

Hermanas Gimeno, que são, incomparavelmente duas grandes artistas, possuidoras duma clara e bem timbrada voz, o que representa para elas já uma garantia de exito, dotadas duma soberba plastica, dum olhar vivo e penetrante, duma formosura invulgar, tiveram na noite de ontem a prova de que o publico de Lisboa sabe apreciar o que é bom, premiando-as com repetidos aplausos e fazendo-lhes chamadas nos finais dos seus alegres «couplets».

Hermanas Gimeno, além de coupletistas apreciaveis, são duas colossais bailarinas, que encantam o publico com os movimentos ritmicos do seu corpo escultural, dando aos seus bailados a alegria duma noite andaluza, onde predominam as notas alacres das guitarras de Sevilha.

Hoje estreiam-se as encantadoras artistas equilibristas Geschw Montani, que apresentarão, um esplendido trabalho de força dental.

O «Bal-Tabarin», o mais animado «cabaret» de Lisboa, acha-se aberto toda a noite, havendo animadissimo baile e um primoroso serviço de restaurante.

TEATRO DE S. CARLOS (M) (N) TELFE. C. 3063
Companhia Lucilia Simões
AMANHÃ, SABADO, ÁS 9-15
1.ª representação da peça
O principe João
Bilhetes á venda

TEATRO da TRINDADE
HOJE, ás 21-15
a notavel opereta vienense
do maestro LEO FALL
Madame Pompadour

A alimentação propria e higienica
Fornece-se em autenticas refeições aos domicilios na
EMPRESA CULINARIA LISBONENSE
Avenida da Republica, 49—A. B. C.—Telef. N-3146
Atende-se a todos os pedidos desde a P. Marquês de Pombal ou C. Grande e imediações

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
HOJE ás 21-30 HOJE
O Saltimbanco

EDEN TEATRO Telef. N. 3800
Soc. Com. de Teatro, Ltd.
Direcção artistica de HENRIQUE SANT'ANA
HOJE ás 21-15
No país do tirismo
Revista de Antonio Carneiro e João Saraiva

Restaurante Casino Ribamar
(ALGÉS)
Esmeradissimo serviço diario de restaurante —Cosinha á portuguesa—Optimos jantares— Esc, 14$00—Admiravel concerto—Musicas modernas—Direcção do distinto professor Ivo da Cunha e Silva

A Cidade

MARIA VITORIA TELEFONE :: N. 3644 ::
HOJE, ás 8-30 e 10-30, o quadro novo
AS RAINHAS DOS MERCADOS
da revista
RATAPLAN!

Chá das cinco

Conto para as crianças

Era uma vez uma menina, loira como um raio de sol e linda como os amores...

—Os amores são lindos, avósinha?

—A menina ainda não tem idade para fazer uma pergunta dessas...

«Chamava-se Bébé e tinha um lindo Pierrot que o avô lhe tinha dado no dia dos seus anos. Era um boneco muito engraçado, de grandes olhos melancolicos, que só sabia dizer: *Colombina.*

«Bébé gostava muito de brincar com o seu Pierrot. Mal abria os olhos, de manhãsinha, o primeiro beijo era para ele. E Pierrot considerava-se feliz. Mas, um dia, Bébé esqueceu em cima do tapete da sala de jantar o seu Pierrot. Bichaninha gata, que andava por ali á espreita, vendo a ocasião propicia, entrou pé-ante-pé na sala abandonada. E, lentamente, aproximou-se de Pierrot. A principio, tudo eram festas, beijos e caricias. Mas de repente as suas unhas duras cravaram-se no pobre boneco abandonado e rasgaram, rasgaram dolorosamente o feltro inofensivo.

«Quando Bébé chegou, a tragedia estava consumada. E diante do pobre Pierrot sem alma, tentando com o calor dos seus labios devolver-lhe a vida, Bébé, entre lagrimas, dizia:

«—Olha, mamã, tem sangue aqui no peito...»

«Pierrot é o simbolo do Amor. As meninas, quando forem crescidas, não brinquem com o Amor—como a gatinha de Bébé brincou com o Pierrot. Porque, se o fizerem, pode algum Pierrot queixar-se—com as lagrimas nos olhos e a morte no coração:

«—Olha, Lili, tem sangue aqui no peito...»

Norberto Lopes

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	—	95$00
Madrid	—	2$81
Paris	—	$80
Suiça	—	3$78
Bruxelas	—	$89
Nova-York	—	19$60
Amsterdam	—	7$91
Italia	—	$80
Brasil	—	3$00
Praga	—	$59
Suecia	—	5$26
Austria	—	2$77
Berlim	—	4$68
Libra esterlina	96$00	98$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações Externas, 1. serie	—
» 6 1/2 0/0 1923	490$00
Acções do Banco de Portugal	1109$00
» do Banco Lisboa & Açôres	483$00
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia Tabacos de Portugal	—
» da Companhia Port. de Fosforos	—
» das C.as Reun. Gaz e Electricidade	—
» da Companhia do Amboim	111$00
» da Companhia Colonial do Buzi	—

RESTAURANT ROMA
Rua do Mundo, 100 a 104
Telefone 4520 N
ABERTO TODA A NOITE
Gabinetes confortaveis, 1.° andar
Grande baixa de preços em almoços e jantares.
Hoje inauguração de ceias das 24 horas (meia noite) ás 2 da manhã.
Preços convidativos

A REFORMA PAUTAL

As alcavalas

QUE PESAM

sobre a exportação e a importação

é que encarecem a vida

Sobre o recente decreto modificando as taxas da pauta de exportação desejámos ouvir a opinião do sr. Oliveira Belo, membro da comissão de pautas.

—Parece-lhe que deste decreto alguma coisa de util resultará para o aumento da nossa exportação, melhorando as condições de trabalho dalgumas industrias?

—As intenções do sr. ministro são as melhores possivel. O sr. Torres Garcia está conhecedor da grave situação economica por que estamos passando. Sabe bem que devemos proceder como os países onde se pensa a valer e se estudam os problemas economicos; sabe que naqueles paises a orientação seguida ferozmente é bastarem-se a si proprios, dificultando o mais possivel a saída das materias primas nesses países produzidas, havendo industrias para as transformarem, entravando a entrada dos produtos manufacturados de que haja industrias progressivas e bem apetrechadas; e, pelo contrario, facilitando a entrada das materias primas necessarias ás industrias existentes e auxiliando por todo os meios a exportação dos produtos manufacturados excedentes do consumo.

O sr. Oliveira Belo prossegue:

—Mas não conseguirá o que deseja, só com as alteraçpes decretadas ás pautas, sem medidas complementares doutros ministerios. Por um lado, os Parlamentos têm legislado sem estudos prévios de qual a incidencia dos impostos criados e agravados; por outro lado, os organismos autonomos só tratam de conseguir receitas para compensarem as suas despezas sem se preocuparem com a Economia Nacional.

—E', então, V. Ex.ª contrario os organismos autonomos?

—Sou absolutamente contrario a todos que possam, pelas suas funções, influir na Economia Nacional.

E com entusiasmo:

—Póde lá admitir-se que as Camaras Municipais vão buscar, por seu livre alvedrio, receitas não apenas nos artigos que são consumidos no concelho e aos quais só interessam, mas aos que dele saem, encarecendo-os de tal maneira que torna por vezes impossivel a exportação em concorrencia com a Industria Estrangeira? E como cada Municipio lança as contribuições que quere, dá-se o caso do mesmo produto por que sai de concelhos diferentes, ficar sobrecarregados com impostos camararios diversos.

E ainda sobre autonomia:

—Só compreendo no nosso País a autonomia administrativa nos organismos que tratem de asuntos de ordem interna, em que a parte administrativa seja um complemento necessario da parte tecnica, como sejam as escolas, especialmente as superiores, os hospitais e poucos mais, onde a intervenção dos governos raramente é benefica, por falta de competencia tecnica especialisada.

E apresentando um exemplo das barbaridades a que leva a liberdade de tributação:

—Uma fabrica exportou 3 toneladas de manteiga de cacau, sub-produto da industria dos chocolates, que paga de direitos de exportação uma taxa minima, estatistica, por ser insignificante o consumo no País. Ora veja...

«Por direitos de saída pagou 6$64, e pagou mais: Trafego e fiel, 25$90; Selo do despacho, 113$86; Emolumentos gerais, 36$45; Serviço de conferencia fóra do local, 19$60; Exploração do Porto de Lisboa, 129$70; Carregamento nas wagonetes e aluguer, 19$60; Serviço de trafego para a fragata, 28$45; Guarda Fiscal, 8$70; Emolumentos de verificação e reverificação fóra do local, 31$50; Artifices, 10$00; Descarga na Alfandega, 18$50; Boletins de exportação e selos, 24$87; Comissão a despachante, 25$00, ou seja: 492$13, isto é: 74 vezes mais do que os direitos!

E concluindo:

—Ora aqui está como se fomenta a exportação em beneficio da industria estrangeira. E não querem que as nossas fabricas estejam, umas paradas, e outras com trabalho reduzido a 3 dias por semana!

O sr. Oliveira Belo referindo-se ao commercio de importação, diz que mandou vir raízes para depois vender flôres, pagou de direitos 2$76, e de alcavalas quatro vezes mais do que os direitos.

E ainda conta:

—Um livreiro de Lisboa que importou uma dezena de revistas estrangeiras que, pela convenção literaria são *isentas de direitos*, pagou das tais alcavalas 16 escudos.

E encerrando a palestra:

—Já vê, pois, como são bons os desejos dos ministros em reduzir tarifas aduaneiras para exportação e para importação a fim de baratear a vida. Aqui tem o novo Parlamento trabalho interessante a realizar: acabar com esses regimens autonomos que aniquilam a exportação, e acabar com todas essas trapalhadas de trafegos, impressos, verbetes e outras bugigangas semelhantes que nos encarecem a vida e irritam os nervos mais brandos.

LYON EM LISBOA
Rua Augusta, 259 a 261
TELEF. N. 2373
Casa especialisada em sedas, veludos, peluches, astrakans e outros artigos de alta novidade para senhora; sob a direcção tecnica de Manuel Cardoso, ex-gerente da secção de confecções da Casa Africana.
PREÇOS SEM COMPETENCIA
Inaugurou-se hoje, QUINTA-FEIRA, 12
ENVIAM-SE AMOSTRAS

W. CASAES & C.IA L.DA
ENGENHEIROS
MOTORES, MAQUINAS INDUSTRIAIS E AGRICOLAS
MATERIAL ELECTRICO
TELEFONE—N. 5571
GRAMAS—CASAESCO
RUA DA PALMA, 185 a 189
LISBOA

"TONADILLAS,,

A reaparição de "La Goya,, no São Luiz

com as suas novas canções

Uma artista não pode premeditar a sua arte. Executa-a como ela se cria, na onda natural da inspiração—corrente que reflete, quando mais pura, as estrelas longinquas e distantes. Não aquelas que acordaram muito cedo, na primeira madrugada dos sentidos, mas as outras que estremecem mais tarde, vindas de gloriosos sonhos nocturnos de dor, de melancolia e de suave vibração. A alma busca então uma harmonia, como se a vida lhe compremisse o destino e a sensibilidade se alargasse em novas orbitas de belesa e de emoção. A arte que assim se desprende, internando-se em etereos caminhos, tem o seu quê de flôr, linda nas petalas que se fixam, mas irreal e profunda no aroma que se ergue e vôa, em sulcos ascencionais de infinito... Ao limite —o espaço. E' a esta indeterminação do ser que os grandes artistas sagrados por Deus se abandonam, guiados por supremas espiritualidades.

La Goya, que ontem entrou no palco do S. Luiz, mais uma vez trazida a Portugal pela inteligencia do dr. Ricardo Jorge, um empresario que bate o «record» dos sucessos artisticos,—acusa um novo estagio de encantamento, de serenidade e de reflexão emotiva. A sua alma vem banhada duma luz mais pura, dum azul ideal, que é a graça a sorrir nas lagrimas do sofrimento. Tornou-se mais intima. Transfigurou-se. O seu perfil, em que a maceração anda a compôr uma mascara de piedade; os seus olhos, onde o drama tem sombras de fatalismo; mesmo a sua voz, mais brincada, mais leve, mais interior, mais intensa, como que nascendo em farrapos de sonho—atiram-na para os grandes planos do sentimentalismo lirico e da verdade cruciante, que empolgam e dominam, esgotando-nos de dôr. La Goya alcança agora as linhas eternas da tragedia, em esculturas ritmicas de eloquente beleza. O «Palhaço», que teve uma admiravel representação, esmaga pelo conflito romantico que a mesma alma, de luz e reflexo para o publico, de espanto cruel para si mesma—combina, mistura e funde num lampejo lugubre e funereo. A par disto, La Goya, em gestos duma expontaneidade gracil, em que os seus dedos voam como notas musicais fugidas duma partitura slava—estiliza pequenas bucolicas de canto ingenuo e de figura doce, que transpõem os humbrais da arte para os da perfeição absoluta.

«Esta és la mujer que quiero» é uma chaga torturante de paixão em que as palavras dançam a punhal sobre os nossos nervos. «Celoza», em que a mascara da artista se escancára de subitaneos relampagos de tortura zebrada a fogo, é um dos numeros mais veementes e mais castiços. As canções argentinas, cantadas a dormir, a sonhar, a embalar o amôr distante, ditas em plena penumbra espiritual, são maravilhosas. Nunca uma garganta vocalisou com mais serenidade e mais tristeza os trinados fugitivos das andorinhas, quando o vento lhes rouba os ninhos, perdido o tempo da primavera.

La Goya canta, mas já não canta o seu coração. Mais bela ainda do que foi, canta a sua alma, clavicordio que as lagrimas estremecem, tão devagarinho como a morte que muito cêdo abraçou para sempre o amor.

Artur Portela

A balisagem do Tejo

O capitão de fragata sr. Filipe de Carvalho recomeçou os trabalhos para a balisagem do Tejo, para a sua navegabilidade até Santarem

TAPETES DE BEIRIZ
Recomendam-se pela sua origem, preço e gosto.
Grande sortido no deposito da
RUA IVENS, 30 Telefone C. 4194

TEATRO SÃO LUIZ TELEF. C-224
HOJE, ás 21
LA GOYA
A MONTARIA

A Cidade

TIVOLI TELEF. N. 5474
HOJE, ás 8-45
Os Herdeiros do Tio Jaime
MANUK, o esquimo
Uma revista mundial

ASSISTENCIA

E' brevemente inaugurado um Instituto de Orientação Profissional

A Provedoria da Assistencia Publica de Lisboa é, neste momento, um centro explendido de actividades. Trabalha-se ali, decididamente, no sentido de emprestar á capital as condições necessarias a evitar a mendicidade, o descalabro moral, a miseria enfim.

Muito brevemente vai dar-se um acontecimento a que devem prestar atenção os medicos, os pedagogistas, todos os homens de bem desta terra. Inaugura-se, nas dependencias da Provedoria, á Praça do Brasil, o Instituto de Orientação Profissional Maria Luiza Barbosa de Carvalho. E' a primeira instituição deste genero que entre nós se funda com o proposito firme de melhorar as condições da vida portuguesa, no menos as condições da vida lisboeta, sob o ponto de vista pedagogico e moral.

Dirige-o uma alta figura mental: o sr dr. Faria de Vasconcelos. Trabalham nele medicos, como Fernando da Costa Cabral; professores, como Emilio Costa, João da Fonseca Junior, M. Subtil e Moreira de Almeida, dos mais ilustres e dos mais aptos.

Ao Instituto cabem, além da sua função privativa de orientação, as funções, não menos importantes, de selecção, operada entre menores, e de preparação e aperfeiçoamento a realizar entre o pessoal docente da Provedoria.

São dezenas de professores a lucrar; são centenas de crianças favorecidas.

E a proposito destas: os pequenitos da Assistencia estiveram este ano repartidos por três colonias balneares, a Afonso Costa, uma de Carcavelos, onde se mantiveram duzentos internados do Refugio, e uma terceira em Caxias. Todas elas funcionando regularmente e todas elas tendo dado explendidos resultados.

O sr. dr. Lino Gameiro, que se encontra á frente destes complexos serviços, reunindo ás suas qualidades de dedicação invulgares predicados de inteligencia, tem sido incansavel; de uma pertinacia e de um zêlo que estão muito acima dos elogios que é uso tributar a quem cumpre o seu dever.

A sua acção desenvolvida em defeza dos interesses da assistencia do Estado é a de alguem que muito presa as suas funções e o cargo que lhe foi entregue.

A viagem aerea MADRID-LISBOA

Partem ámanhã para Madrid, no «rapido», os srs. comandante Aires de Sousa, director da Aeronautica Naval, e major Cifka Duarte, representante da Aviação Militar e director do Aero Club, e o nosso camarada Felix Correia, como redactor da Agencia Havas, a fim de realizarem no avião sueco «Junkers» a viagem aerea Madrid-Lisboa.

O «Junkers» deve partir de Cuatro Vientos, ás 9 da manhã de segunda feira, voando sobre Lisboa pouco depois das 13 horas, e indo depois aterrar a Alverca, onde o aguardarão varias entidades oficiais e particulares que se interessam pela aviação.

RESERVA NAVAL

O sr. ministro da Marinha submeteu á aprovação do conselho de ministros, o projecto de decreto que organisa a reserva naval.

BAIXA DE PREÇOS
Enorme em todos os artigos da «Casa Arte e Menage».
R. Alecrim, 71, 1.º

O MOMENTO POLITICO

Vão filiar-se NO P. R. P.

alguns dos deputados que foram eleitos como independentes

A esta hora ha muitas pessoas que ignoram ainda, mas já o não ignora o sr. Antonio Maria da Silva, que alguns dos deputados, cinco nem menos, que vieram á Camara com o rotulo de independentes, estão firmemente dispostos a aderir ao P. R. P.

Nomes talvez não valha ainda a pena dizer.

O directorio democratico sabe já, perfeitamente, quais eles são.

Um... Vá lá um, interessante de citar: o do sr. José Maria Alvarez. Por mais que a afirmação possa ir chocar os que dirigiram a polica eleitoral da União dos Interesses Economicos.

Na verdade, o presidente da Associação Industrial Portuguesa está ha muito tempo disposto a enfileirar no democratismo; só o não fez ainda porque o proprio directorio não julgou asado o momento.

Mas é coisa assente. Os votos que conseguiu em Vizeu, por onde vem á Camara, são de democraticos e de afeiçoados da U. I. E., que recomendou a sua candidatura.

Nas mesmas condições se encontram outros dois antigos reconstituintes, ambos amigos dedicados, segurissimos do sr. dr. Alvaro de Castro.

São eles os srs. Cunha Barbosa e Manuel Alegre, que, ao contrario do que chegou a correr, terá o seu logar em S. Bento.

Pois é com estes votos que o sr. Antonio Maria da Silva conta para valorisar a representação democratica que, de outra maneira, não teria sérias possibilidades de se impôr a uma coligação organisada pelos agropamentos oposicionistas.

E cinco votos a mais, cinco votos a menos, não são para despresar numa altura em que todos eles andam rigorosamente contados pelos «leaders» e dirigentes.

* * *

Duas vagas a considerar desde já: a do sr. Carlos Fuseta, em Faro, e a do engenheiro sr. Luis da Costa Amorim, em Chaves.

Vamos ao caso do primeiro: O sr. dr. Carlos Fuseta não virá á Camara, por virtude de quaisquer desentendimentos que dizem apenas respeito á politica do Algarve. O ilustre advogado, que é uma das mais brilhantes inteligencias do seu pais, tem, além disto, desgostos de ordem intima que em muito limitariam a sua actividade parlamentar. Por tudo isto, e por mais alguma coisa ainda, o dr. Carlos Fuseta não se fará ouvir na Camara.

Qual a maneira de o substituir? Errado o que se disse a tal respeito.

A assembleia de apuramento, a reunir no proximo domingo, não tem nada que tomar conhecimento da desistencia do deputado eleito, fazendo proclamar o que se lhe seguir na ordem da votação. Nada disso. O dr. Carlos Fuseta será proclamado, mesmo contra os seus desejos, normalmente, regularmente. E depois quem toma conta da renuncia é a comissão de verificação de poderes, mandando logo, em seguida, repetir a eleição no circulo.

O caso do sr. Costa Amorim, que destirá em Chaves, é semelhante. Só a comissão de virificação pode sobre ele decidir.

Em vez de se proclamar o candidato cuja votação se segue á do sr. Amorim, e que é o dr. Felix Barreira, antigo chefe de gabinete doe sr. José Domingues dos Santos, hoje agregado ao direitismo democratico, abrir-se-ha vaga, repetindo-se a eleição.

Temos, portanto, as duas vagas a que fizemos referencia. As quais, ou nos enganamos muito, ou serão exactamente preenchidas pelos dois irmão Olavo, cuja derrota ainda constitue, a esta hora, um enigna para muita gente.

* * *

Um aspecto curioso que as ultimas eleições revestiram, o da vingança local.

Houve muitos candidatos fusilados pelo despeito, pelo desespero, pelo ressentimento dos seus eleitores. Alguns que o foram exclusivamente por isso; outros para cuja derrota isso em muito contribuiu.

Exemplos: o sr. Manuel Fragoso, em Evora. Os democraticos de Montemór, que não haviam sido por ele atendidos em determinado pedido, puzeram-se perante a urna com esta doutrina: não tomamos conhecimento de qualquer scisão existente no P. R, P. E como ha dois candidatos do partido, os srs. Guerreiro e Manuel Fragoso, damos os votos ao primeiro porque lhe devemos favores.

E foi assim que o esquerdista sr. Luis Guerreiro saiu triunfante da luta, em prejuizo manifesto do candidato recomendado pelo directorio.

Coisa semelhante aconteceu com o sr. João Damas, que Tomar, pela primeira vez, não elegeu.

O sr. Anibal Lucio, de Terres Vedras, tinha por habito dizer aos seus eleitores que o procuravam com pedidos ou solicitações de qualquer ordem: «Sim, senhor, vou estudar o assunto».

Quando desta vez, nas vesperas do acto eleitoral, foi á cata dos influentes em algumas freguesias, estes responderam-lhe invariavelmente: «Sim, senhor, vamos estudar o assunto».

E estudaram-no de tal maneira que conseguiram a derrota de Anibal Lucio.

* * *

E já que estamos em rescaldo de eleições queremos acentuar este ponto que nos parece inreressante: o calculo de previsões apresentado pelo «Diario de Lisboa», no dia 7, está «rigoramente» exacto no que respeita ás representações de democraticos, nacionalistas e independentes.

Rigoramente.

São na verdade, 83 democraticos (71 na provincia e 12 em Lisboa e Porto), 33 nacionalistas (30 na provincia e 3 em Lisboa e Porto) e 18 independentes os que se encontram com as suas eleições já asseguradas.

* * *

Lista completa dos senadores que não obtiveram reeleição, muito embora alguns deles não se tivessem apresentado:

Ramos de Miranda, Santarem; Serra e Moura, S. Tomé e Principe; Lima Alves, Coimbra; Procopio de Freitas, Funchal; Alpoim Borges do Canto, Angra; Oriol Pena, Lisboa; Velez Caroço, Portalegre; José Sequeira, Portalegre; Dias de Andrade, Leiria; Pereira Osorio, Porto; Aragão e Brito, Angra; Simões de Almeida, Braga; Xavier da Silva, Moçambique; Ricardo Pais Gomes, Coimbra, dr. Felix Barreira, antigo chefe de gabinete doe Vasco Crispi niano da Silva, Funchal.

A greve de Lourenço Marques

O Alto Comissario em Moçambique comunicou que continua a greve do porto, mas que os trabalhos não estão completamente paralizados, esperando, dentro de poucos, dias normalisar os serviços.

O rescaldo do 19 de Julho

Apresentaram-se hoje no comando geral da armada, o capitão de mar e guerra sr. Mendes Cabeçadas e os demais oficiais que foram ontem absolvidos em conselho de guerra.

Pelos teatros

O Principe João

Como noticiámos, sobe ámanhã á scena, no teatro de S. Carlos, a peça de Charles Méré, «O Principe João», que Cristovão Ayres e Acurcio Pereira traduziram. «O Principe João» é uma peça modelar, quer como technica quer como literatura; uma peça em que

LUCILIA SIMOES

todas as situações se encadeiam logicamente por mais imprevistas e mais emocionantes.

Lucilia Simões, no principal papel feminino, será a grande actriz para quem a Arte já nos tem segredos. Samuel Diniz, no protogonista, aguarda o «veredictum» da critica e do publico. Dos restantes papeis encarregaram-se os melhores elementos da Companhia Lucilia-Erico, entre os quais Amelia Pereira e Joaquim Almada, dois artistas consagrados e na vanhuarda dos melhores da nossa terra.

Peças novas

Realisam-se hoje duas «premières» — no Trindade e no Politeama. No primeiro teatro sobe á scena a opereta vienense «Maxame Pompadour», cujo ensaio geral se efectuou ontem, sendo em destaque a riqueza e o brilhantismo da sua montagem, honrando os scenografos que pintaram os scenarios e o «costumier» Castelo Branco, que vai apresentar um guarda-roupa notavel a todos os titulos. No segundo representa-se a comedia de Armont e Gerbidon, «Raparigas de hoje», tradução de Avell de Almeida, ensenada por Robles Monteiro e com Amelia Rey Colaço interpretando a protagonista. A estes dois artistas foram confiados os principais papeis e os restantes a Emilia de Oliveira, Maria Clementina, Maria Soares, Teresa Teveira. Constança Navarro, Maria Cristina, Raul de Carvalho, Luiz Leitão, João de Almeida, Gastão da Cunha, Silva, Essa, Rego e Ramos.

Atrás do reposteiro

No Sá da Bandeira, do Porto, realiza-se hoje a primeira representação da comedia «O ultimo bravo», com Nascimento Fernandes no papel criado pelo falecido actor Inacio Peixoto e ao lado de Maria Matos e Augusto Costa, que têm os principais papeis comicos.

—Os ensaios da peça «As duas metades», segunda peça a subir á scena no Nacional, possivelmente já na proxima semana, estão sendo dirigidos pelo professor Antonio Pinheiro, interpretando o primeiro papel feminino a actriz Ester Leão e reaparecendo a actriz Maria Pia.

—Está fixada para a proxima terça feira, no Apolo, a primeira representação da peça de Henrik Ibsen, «Um inimigo do Povo», cujo protagonista vai ser intrepretado pelo actor Alves da Cunha, estreando-se como actriz, ao lado de Berta de Bivar, a sr.ª D. Emilia de Araujo Pereira, esposa do professor Araujo Pereira. Por este motivo, «O Saltimbanco» sae de scena no domingo.

—Continua obtendo um grande sucesso o novo quadro «A Rainha dos Mercados», da celebre revista «Rataplan!» No desempenho destacam-se Lina Demoel, Hortense Luz, Carminda Pereira, Carlos Leal, Alberto Ghia e Santos Carvalho.

—Receberam convite para ingressarem na Companhia Lucilia Simões-Erico Braga, as artistas Antonia e Fernanda de Sousa, ha pouco chegadas do Brasil.

—Partiu hoje para o Porto o empresario Antonio de Macedo, que ali vai dirigir administrativamente os recitais da notavel artista Berta Singerman, no teatro de S. João e que ali se estreia ámanhã, havendo o maior entusiasmo entre o publico culto da capital do norte.

—Estreia-se hoje no teatro circo de Braga, a Companhia Chaby Pinheiro, que ali realizará quatro espectaculos.

Vai aparecer, em breve, um livro sensacional!

"A Maria do Minho e o Chico Sereno,,

(Um êrro judiciario)

Novela historica dum noivado, de amor vivido, de perfidia e vingança ignobil

pelo dr. Henrique de Carvalho

Transcreve-se o primeiro capitulo

O DR. Henrique de Carvalho, ilustre director do *Instituto Academico*, instituição escolar das mais acreditadas de Lisboa, é o feliz autor desta interessante novela.

Professor distinto e muito versado nas letras e em assuntos de instrução — pelo que marca já um lugar de maior relevo no professorado português — foi autor e relator da importante tese *O ensino primario elementar obrigatorio*, aprovada por unanimidade num dos ultimos congressos.

Pelo seu merito literario e scientifico, foi agraciado por varias academias scientificas estrangeiras, a que pertencem diversos chefes de estado da Europa.

Ao antigo e vigoroso director dos jornais *A Madrugada*, *A Liberdade* e *O Vira*, e talentoso autor de *A Heroina* e dos tão celebres panfletos *Cartas Vermelhas*, que tanto ruido causaram, estava assegurado um novo e grande exito literario, que se vai confirmar na publicação de *A Maria do Minho e o Chico Serrano*, cujo primeiro capitulo se segue:

I

Todas as testemunhas, inclusivé as de acusação, haviam afirmado o bom comportamento anterior do réu. Uma delas, o Manuel Ventura, referira factos que não só atestavam uma maneira de proceder correcta com todos os seus camaradas de trabalho, como até uma grandeza de alma não muito vulgar na gente do campo, inculta e de rudimentar moral.

Um cão chagado, mal ferido, inspirando repulsa na fetidez das pustulas, encontrara-se no caminho do Chico Sereno, quasi á noite, á volta da labuta, que nesse dia fôra cruenta. O Chico, o forte arcaboiço derreado do continuo esforço de horas, viu o animal: e ao contrario dos outros que queriam acabá-lo pegara nele e desencastoara-o primeiramente da imundicie que lhe fazia capa, num ribeiro proximo. Depois envolvendo-o na cinta, trouxera-o para casa, para melhor o cuidar. O cão curou-se e tornou-se um seu grande amigo.

A' viuva do Joaquim da Patega, ficada na miseria e doente, com um pequeno campo para arrotear, unica fonte de receita da infeliz familia, valera o Chico mais de uma vez, terminando por, conseguida a ajuda de alguns colegas, mas reservando para si a maior parte do trabalho, proceder a todas as operações que haviam de tornar produtivo o terreno,

A lista das generosidades praticadas pelo moço que se julgava, não tinham conta.

Mas o que se provava é que o crime o praticára ele. Tinham-no conhecido a Joaquina dos Anjos, a tia Rosa da Horta, a Mariana Russa e tantas outras visinhas que á porta das suas habitações se conservavam aspirando um pouco de ar, naquele paleio habitual do lusco-fusco, que precedia a hora da *deita*. Tinham-no visto, no seu andar um quasi nada claudicante, na manta lobeira que sempre envergava, no barrete particularmente puxado á banda, e até no metal de voz com que dissera:

—Sou eu, Maria, abre!...

Mas mais que todos, era afirmativamente positiva a morta. Ela, que os ouvidos de todos recordavam com nitidez, exclamara, ao sentir a faca rasgar-lhe as carnes fundo:

—Ai, Francisco, que me mataste!...

Não podia haver duvidas. E o delegado do procurador régio, tirando partido dos depoimentos insofismaveis, feitos com a segurança de quem jurára aos Santos Evangelhos só declarar quanto sabia e em consciencia expozera convicção estabelecida, carregava na exprobação do homicidio, que motivo de pêso ou conhecido ao de leve pudera desculpar,

E era trazer para ali—para daquela sala severa, onde a figura da Justiça pairava, como que saída, para corporizar-se, do painel que fazia fundo ao estrado presidencial—numa eloquencia calorosa e vibrante, todo um estendal de psicologias complicadas, de atavismos explicativos, de morbidezas reconditas, que só no momento proprio surgiam para aqueles actos sangrentos, que a pessoa alguma de bem podiam deixar de indignar.

A sociedade, a sua segurança, o momento civilisador a que chegámos precisavam duma satisfação; a justiça inflexivel na aplicação dos seus ditames, não podia perdoar.

A moça amava-o; na sua crença sonhadora de felizes dias, com um lar pobre que o carinho tornaria um paraizo, sem desconfiança acorrera ao chamamento, e ele, que premeditara bem as coisas, correspondera-lhe com uma punhalada mortal, que a Providencia não deixara ficar impune, para escarmento dos maus que sobre aT erra hãode eternamente assinalar a existencia do anjo caido.

Concluida a catulinaria, o estrenuo defensor da virgem cega que nos pratos da legendaria balança não pode acusar desiquilibrios, pedira para o reu a pena maxima que, lástima era, nunca o levaria á forca ou á guilhotina.

Erguera-se o defensor.

A figura ereta, sereno sorriso a dulcificar-lhe o rosto normalmente duro, o gesto largo e desembaraçado, começou por falar da meninice do Francisco. O pai fôra um alcolico, certo. Muito cedo viuva, a mãe, obrigada a ganhar a vida em arduas terefas, deixava-o ao Deus dará, na perdição da rua, em convivio sabido ou ignorado com a garotada infrene. Mas Francisco desmentira a tára. Já nas primeiras letras, na escola distante da aldeia alguns quilometros—porque a mãe, a Joana Serena, quizera ao menos que o rapaz soubesse ler por cima—o pequeno se mostrara diferente dos outros, aplicado, submisso, com uma perfeita noção do bem e do mal, que se lhe não ensinara, defendendo sempre os companheiros mais fracos e timidos dos mais fortes e atrevidos, nunca consentindo, naquela restolhada da saida da escola, que certas brincadeiras que beliscavam com velhos, aleijados, ou animais inofensivos prosseguissem para magoa maior dos atingidos.

O professor dizia-o, com orgulho:

—E' um bom, o discipulo que mais préso e mais me respeita. Não será o mais inteligente, mas é o mais reflectido e por isso mesmo aquele que mais tempo conservará na memoria o que se lhe ensina.

Depois, a mãe, recaída um pouco, num cansaço que a velhice a aproximar-se justificava, mas que sem as ralações sofridas tão cêdo se não manifestaria, requisitou-lhe auxilio. E o rapaz que uns escassos 12 anos tinha, agarrára-se á enxada e lá fôra, a angariar uns quatro vintens de jorna, que davam para o azeite e para os feijões.

Amadureceu, fez-se homem a cavar as leiras, a desbravar matos, ás mil fainas agricolas dando toda a força dos seus braços musculados e valentes, no proprio esforço robustecidos.

Depois vieram as sortes. Por ser filho unico e necessario ao amparo da progenitora, não servira o rei—que ao país servia-o melhor ficando-se onde estava, instigando a terra a produzir alimentos ou quaisquer frutos que a industria do homem tornaria beneficio da colectividade.

Pois bem: em todos esses lustros decorridos o rapaz se mostrára sempre de nobre indole, inveja dos melhores da terra. Nem um desvio da linha de conduta que marca um caracter formado para o bem, um unico acto que deixasse prever nele o criminoso nato.

A' mãe estremecia-a. Desvelado e amantissimo, tudo fazia para poupar-lhe o mais insignificante desgosto, e nunca o passadio de ambos ascendera a culminancias de gulodice como de quando era ele só a sustentar a casa. Saía-lhe do corpo, daquele torso, que ali, na audiencia, se via agora quasi quebrado em dois; do suor daquele rosto que não se erguia, timido, vexado, a encarar os seus acusadores.

Sabiam-no todos, todos quantos a dentro da teia se encontravam, uns porque de rapaz até o conheciam e lhe tinham acompanhado o crescimento; outros, incluindo os magistrados, por tê-lo escutado doutrem ou ouvido narrar no decorrer do processo.

A' namorada, essa infeliz rapariga que uma faca manejada por mão ignobil havia de fazer baquear para sempre, tambem se sabia que lhe queria muito do intimo de alma. Eram relações de anos, desde que ela, vindo da sua ridente provincia do norte para uns trabalhos de ceifa, por ali se deixára ficar, por mais bem paga, quem saibe; porque já aos olhos dele se prendera talvez, em liames que não seria facil quebrar.

Um dia explicaram-se. Ela que nunca derriçára, que a outros não quizera, ás primeiras palavras do Francisco de alma inteira se lhe dera, vendo na poesia do seu dito simples mas que um grande, um puro sentimento animava, que a ventura maior não poderia aspirar e que a confissão leal do moço tinha a garantir-lhe a verdade da duração do sentimento protestado, a serenidade com que lh'a fazia e a evocação do nome da mãe—«que alvoroçadamente a receberia como filha».

O enternecimento com que Francisco sempre falava da que lhe déra o ser, já a Maria o notára mais que uma vez. E essa graça assim evocada, era como a benção recebida no altar de nupcias.

Mas a Maria era honesta e o seu namorado desde este momento, tambem. Muito se presando um e outro, para o casamento deixaram o que do casamento legalmente lhes adviria:—a posse mutua.

«Veja-se a delicadeza de alma e este superior respeito, não pelos outros, não pela moral, tão elastica nas povoações insignificantes como nas cidades mais civilisadas, mas por si proprias, que estas duas figuras ostentam na modestia da sua condição!»

Meses passaram, e, ultimamente, tratando dos respectivos enxovais, êles se falavam áquele postigo fatal, testemunha muda dum idilio impecavel, que tarde a tarde se renovava, para troca de ternuras, de palavras afectuosas que o alambicamento de têrmos não ridiculisaria, mas que as mesmas visinhas testemunhas, vezes varias teriam ouvido, na coscuvilhice de quem para entreter ócios e sem os lambusamentos de João Felix Pereira, se julga no direito, e naturalmente o faz, de escutar.

Pois não era certo, que muito se queriam?

Não se encontrava ela enlevada quando se lhe referiam, ou quando diante de si lhe proferiam a graça?

Não ocorria ao Francisco, semelhantemente?

Ter-se-hiam zangado?

Nunca ninguem dera pelo mais ligeiro amuo entre os dois, e, até um pedaço antes do crime, em que o Francisco estivera conversando com ela, ao já citado postigo, pareciam bem alegres.

Compreende-se. Estavam quasi noivos.

A despedida—até amanhã!—fôra acompanhada daqueles repetidos apertos de mão, que são o disfarce da vontade de ficar ou o ministrar doseado da dôr da separação, que em pequenas porções habitua ao travo que ela forja.

Sendo assim, porque havia de voltar o Chico, um quarto de hora depois, a assassinar a noiva?

«Hipocrisia!—dirão. Não, na analise que fizemos do seu caracter, da sua bondade conhecida, do diamantinismo do seu coração de filho, da sua lealdade para os companheiros, da ausencia de vicios—nunca a taberna se vira por ele folgada—da sua afectuosidade casta pela que esperava fosse sua esposa: não, na analise que fizemos do homem apresentado como reu, nada indica a aptidão para um tão nefando procedimento.

E' ouvindo proclamar a sua inocencia constantemente e o tom em que o faz!

Os jurados estão ali para julgar. Que pesem bem o que vão fazer do destino dum homem que a fatalidade colheu, com mão ferrea e sofrega quanto injusta; que admitam a hipotese dum grande lôgro, em que o réu é tambem vitima, todas as circunstancias comprometedoras adrêde se reunindo para o esmagarem, emquanto o verdadeiro criminoso andará á solta, a rir-se da cegueira dos olhos que só o que diante dos olhos se põe, julgam real e preciso.»

Em sua consciencia, dele advogado, absolveria; no lugar do senhor promotor de justiça novas indagações ordenaria para que ao criminoso, mas ao verdadeiro, fosse aplicada a pena que pouco antes, naquela mesma sala, se pedia para um desgraçado que de tanto chorar já nem nas lagrimas encontrava refrigerio para a sua magua dupla:—a da perder a vida da sua vida e a de se ver apontado como o seu algoz!

... ...

Decorreram os tramites usuais.

Meia hora depois regressavam os jurados aos seus lugares e o juiz proferia a sentença que atirava o reu para a costa de Africa por 28 anos, com prisão no lugar do degredo.

Dr. Henrique de Carvalho

Aconselhamos os interessados na leitura de *A Maria do Minho e o Chico Sereno*, a que—em vista dos já grandes pedidos do Brazil, constar que a edição se exgotará logo aos primeiros dias da sua publicação—mandem desde já fazer os seus pedidos, acompanhados de 5$00 por cada volume, ao autor-editor Henrique de Carvalho, Instituto Academico, rua de Santa Marta, N, A, r/c., E., onde se fará tambem o abatimento de 20 p. c. aos revendedores.

Dr. Conceição e Silva Junior
Rins, orgãos genito-urinarios
Das 10 ás 12 e das 3 ás 6
Aos sabados só das 10 ás 12
Rua do Ouro, 194, 1.º — Telef. C. 3812

ESTRANGEIRO

Nova Pensão Aliança
Fornece a domicilio:
Almoços a 5$00 e 6$00. Jantares a 6$00, 8$00 e 10$00. Comensais a 240$00 e 300$00.
Abundancia, aceio e boa fabricação.
265—RUA DA ROSA—265
TELEFONE N. 2852

NOTICIAS DE ROMA

Vão
ser tirados
os direitos de italianos
aos implicados
no atentado contra Mussolini

ROMA, 13

Segundo informações colhidas nos circulos oficiais, as investigações ácerca da conspiração contra a vida do sr. Mussolini revelam que todos os promenores fôram cuidadosamente preparados pelos dirigentes dos emigrantes italianos em Paris, os quais igualmente planeavam derrubar o governo fascista por meio dum golpe militar.

Neste proposito fôram organisadas em França numerosas legiões, denominadas «de Garibaldi», sob a fórma de associações desportivas.

Uma das razões que levaram o chefe do governo a convocar o Parlamento para o dia 18, é a apresentação duma proposta de lei, retirando áqueles emigrantes o direito de cidadãos italianos e ordenando a confiscação dos seus bens. — (L.)

De Pinedo
foi proclamado cidadão romano

ROMA, 13

O governador de Roma entregou ontem solenemente no Campidoglio ao comandante De Pinedo, uma artistica pasta contendo a sua nomeação, em pergaminho, de cidadão romano.

Entre grande numero de individualidades civis e militares, assistiram á cerimonia o presidente Mussolini e os presidentes das duas casas do Parlamento. — (L.)

O Parlamento
reabrirá no proximo dia 16

ROMA, 13

Em consequencia da conferencia ontem realizada entre o sr. Mussolini e o presidente da Camara dos Deputados, esta reabrirá no dia 16 do corrente.

O governo apresentará varias propostas de lei sobre reformas judiciais administrativas e financeiras, que serão imediatamente discutidas. — (L.)

Dr. Medeiros d'Almeida
Cirurgião dos hospitais
Doenças dos olhos — Cirurgia
Consultorio: Av. Liberdade 121, 1.º,-ás 3 h.-Telef. 908 N
Policlinica: L. Conde Barão, 12, 2.º-ás 5 h.-Telef 1902-C.

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE, ás 9
A peça de CARLOS SELVAGEM
MIRAGEM

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.
COMP. REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE, ás 21-30
Raparigas de hoje

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4356
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
HOJE, ás 21-15
O Pão de Ló

CARTA DE PARIS

AS PAGINAS
ineditas
de Anatole France
escritas durante a guerra
foram agora publicadas

Esse perfume evola-se ainda do vaso despedaçado, essa luz ilumina-nos ainda depois do astro extinto. E não sei que melancolia inefavel e deliciosa irradia de cada fragmento do cristal florentino, não sei que anciedade suprema estremece naquela luz...

Assim é Anatole France. Foi ha um ano que ele caíu, no momento em que as folhas caem, depois duma luminosa e tranquila agonia.

Era nos campos abençoados da Touraine, no meio dos galhos semi-nus, quando as folhas em ametistas, em topazios, em violetas, murmuravam ao precipitar-se a doce canção do outono. E foi nesse meio de fragilidade e de renuncia, quando tudo na natureza se atenua e estremece e docemente abdica para as alegrias triunfais da primavera, foi nessa agonia das coisas—em que tudo é vago e indeciso e mais espiritual — que Anatole France, pela ultima vez, cultivou o seu jardim: — o seu jardim de beleza, de gosto e de sabedoria inegualaveis.

Assim, as suas ultimas paginas têm o perfume que se evola do cristal despedaçado, a doce claridade que nos ilumina depois do astro extinto. E assim—longe de justificar a simbolica mortalha de purpura em que fala Renan —a morte de Anatole France, em pleno pensamento, em plena acção, veio ainda explicar, engrandecer, imortalisar a sua vida.

* * *

Porque estas «Paginas ineditas»—reunidas pela fiel solicitude de Michel Corday e publicadas com um assombroso sucesso pelo editor Calmann Lévy—são simplesmente admiraveis.

Nunca o grande mestre da «Thaïs» conseguiu ser mais elegante, mais espiritual, mais equilibrado do que nelas; nunca o seu aticismo foi mais perfeito, nem a sua graça mais expontanea, nem a sua filosofia mais indulgente e humana.

O livro compõe-se grandemente de dialogos sobre a metafisica e a existencia de Deus, de axiomas, de anotações, de estudos sobre os antigos deuses da Grecia, de comentarios sobre o amôr, sobre a velhice, a modestia, a guerra, o pudôr.

Anatole France pensava em pôr aos seus dialogos este titulo simbolico: «Sous la Rose».

E' sabido que a rosa era a flôr preferida de Harpocrates, o deus do silencio. Consagrada assim como atributo do deus, a rosa tornou-se na antiguidade o simbolo da discreção. «Suspendia-se uma rosa á porta dos quartos quando se queria, delicadamente, fazer saber áqueles que se reuniam neles que os assuntos aí discutidos não deviam ser divulgados». O que se dizia, ou o que se ouvia sob a invocação da rosa, era considerado inviolavel.—E ainda na idade média as damas que tivessem sabido ser discretas e guardar um segredo durante toda a sua vida, mereciam uma consagração suprema: eram esculturadas na sua pedra tumular com uma rosa na mão.

Anatole France achava encantador este velho motivo: «Sous la rose». E a sua ironia tinha-o escolhido para, dôcemente, sorrir das suas confidencias supremas...

* * *

Ouçamos este trecho penetrante de bonhomia e de generosa resignação. E' do dialogo sobre a metafisica.

«O homem não foi criado para descobrir a sua origem nem os seus fins. Foi criado apenas para sentir a alegria e a dôr, não para saber e conhecer.

«Por maior que seja o ardor que ele imprima ás suas investigações, o homem nunca conhecerá do universo senão a infima parte que do universo está em relação com os seus sentidos, senão o que pode ser dele proprio; isto é, o homem nunca conhecerá senão a humanidade das coisas... De tudo o que o rodeia, nunca conhecerá senão o que se puder humanizar para entrar nele...

«Procurar as causas primarias pelo testemunho dos nossos sentidos, é preguntar ao vaso a origem da terra que o compõe, do fabricante que o moldou.

«Como Diderot tinha razão quando afirmava que um metafisico nada sabe! A sciencia do metafisico compõe-se do que não existe... Um metafisico é um homem que tomou os trajos dos sensualistas mais grosseiros e os vestiu ás avessss».

E mais adeante, falando da diferença entre a fisica e a metafisica:

«O nome não nos diz o que é o prato. E não nos diz tambem em que a metafisica difere da fisica. E' preciso rodear a dificuldade. Se preguntarem a uma dona de casa o que é uma «purée», ela responder-lhes-ha que ha «purée» e «purée». Ha a «purée» espessa na qual a colher se aguentará em pé. Essa é a fisica, a natureza. Mas ha a «purée» passada pela peneira, que é indigesta e clara como a agua. E' a metafisica. A metafisica difere da fisica, porque deixou o melhor no fundo da peneira».

* * *

Michel Corday acompanhou este livro adoravel de um conscienciosо estudo sobre o autor.

A maneira como Anatole France trabalhava, a minuciosidade com que ele se documentava, a escrupulosa aplicação com que compunha, recomeçando até oito vezes um incidente ou um final que o não satisfazia, são-nos explicadas carinhosamente.

Até aos ultimos dias da sua vida, Anatole France reuniu pacientemente os seus documentos—ás vezes notas, pequenas frases trocadas com um amigo e recolhidas com o maior cuidado na margem dum jornal, num envelope servido, numa factura satisfeita... Até aos ultimos dias da sua vida, o primoroso estilista sofreu e se atormentou, para dar á frase esse equilibrio luminoso e transparente que a nós nos parece tão facil e tão natural como o correr da agua nas fontes claras.

* * *

Uma boa parte dessas «Paginas ineditas» foi escrita — e dolorosamente — durante a guerra. Anatole France indigna-se nelas — e com que elevação e com que amargura! — contra aqueles que pareciam prolongar propositadamente a guerra, contra aqueles que a aproveitavam para miseravelmente enriquecerem, contra todos os que declaravam «ter medo da paz». E as suas apostrofes, de uma feroz ironia, terminam por estas notas vingadoras:

«Amar a guerra porque ela produz herois, é amar o garrotilho porque ha medicos e enfermeiros que têm morrido querendo salvar uma criança.»

«O que nós consideramos uma gloria quando realizado por nós, é declarado infamia quando o inimigo o pratica. Assim, os mesmos actos tomam nomes diferentes segundo são realizados por nós ou contra nós.»

«Mas a guerra é um crime que a vitoria não expia.»

Eu desejava, sinceramente, que estas «Paginas ineditas» de Anatole France fossem profusamente lidas e relidas em Portugal.

Elas são a poderosa lição da tolerancia, do equilibrio, do bom senso, da generosidade que há muito — e tão lastimavelmente — veem faltando entre nós.

Chagas Franco

GARAGE MONUMENTAL
E' a maior garage de Portugal. Consultai os preços de recolha desta casa.
Avenida Alvares Cabral (Ao Rato)

DE TODO O MUNDO

Foi
dissolvida
a esquadrilha de aviação
dos americanos
que estavam em Marrocos

RABAT, 13

Foi dissolvida a esquadrilha cherifiana de aviação, constituida por oficiais americanos, que voltaram a França.

No sector 19, corpos de partidarios de Amar e Deamidol atacaram e perseguiram os dissidentes nas proximidades de Beraber, matando-lhes quinze guerreiros.

Caem em toda a frente chuvas torrenciais. — (H.)

O rio Ebro
tem aumentado muito de volume

SARAGOSA, 13

O «Ebro» continua a aumentar de volume, atingindo a subida cinco metros em alguns sitios.

De varias povoações comunicam que as aguas estão causando grandes prejuizos, arrastando grande numero de sementeiras.

Segundo as ultimas noticias, em todo o norte reina forte temporal, caíndo na Andaluzia grande quantidade de neve e escassa chuva. — (L.)

Está concluido
um acordo italo-americano sobre as dividas

WASHINGTON, 13

Nos circulos bem informados afirma-se que o acordo italo- americano sobre as dividas, que se elevam a 427 milhões de libras, está concluido em termos semelhantes ao acôrdo britanico, estabelecendo um periodo de 62 anos para pagamento, mas a juro inferior do concedido á Inglaterra. — (L.)

Desapareceu
o submarino inglês M. L.

LONDRES, 13

No decurso duns exercicios, o submarino «M L» mergulhou ao sul do cabo Start Point, não voltando a ser encontrado. — (H.)

PLYMOUTH, 13

Tem resultado infructiferas as pesquizas feitas para encontrar o submarino «M L», desaparecido de manhã. Supõe-se que toda a tripulação, num total de sessenta oficiais e marinheiros, tenha morrido. — (H.)

Douglas Mac Lean

Poucas vezes um actor tem conquistado tão rapidamente um publico como Douglas Mac Lean, conquistou o publico português. Aparecendo em Lisboa no memoravel «film» «Hottentote» e logo a seguir em «O groom n.º 13» grangeou admirações sem numero. No Cinema Condes exibe-se agora, em estreia, a obra prima do simpatico actor «Um homem de acção», comedia enscenada pelo genial Thos. H. Ince, cheia de imprevisto e de lances pitorescos e hilariantes.

Dr. Miguel dos Santos
Especialista de doenças de boca e dentes
Retomou a sua clinica — Rocio, 74, 2.º

CREDITO PREDIAL PORTUGUEZ
RUA AUGUSTA, 235 — LISBOA
Desde 16 do corrente mez os escriptorios d'esta Companhia estão abertos, para o publico, das 10 ás 12 horas e das 13 1|2 ás 16 horas, excepto aos sabados em que estão abertos apenas das 10 ás 13 horas. O acesso aos cofres continua a ser das 10 ás 18 horas, e aos sabados até ás 14 horas.

PROCURADORIA INTERNACIONAL
Consultas gratis sobre inquilinato. Investigação de residencias de portuguesas no estrangeiro.
Todos os assuntos forenses.
RUA DO CARMO, 69, 1.º, E.
TELEF. C. 2649

ULTIMAS NOTICIAS

COLCHÕES DE ARAME
H. BONO
75, Rua do Diario de Noticias, 75
(Ao lado da antiga Farmacia Jara)
TELEFONE C. 642

"SPORTS" ELEGANTES

AS CORRIDAS de cavalos

começam depois de ámanhã

As corridas de cavalos, organizadas pelo Jockey Club, para a temporada de Outono, começam no proximo domingo. Consta esta temporada de 4 dias com 5 corridas em cada dia, elevando-se o total dos premios a 66 contos.

Na elaboração do programa, atendeu-se a necessidade de proteger as caudelarias nacionais e para esse fim reservaram-se corridas só para os cavalos nascidos em Portugal. Além disso, havendo em Portugal uma grande variedade de raças cavalares que, por serem muito desiguais, não podem competir umas com as outras, tornou-se necessario organizar corridas reservadas a cada uma dessas reças. Foi, pois, com o intuito de proteger as caudelarias nacionais e conseguir um maior numero de inscrições que o Jockey Club organizou o programa das corridas.

Assim, a temporada de Outono constará de 9 corridas reservadas a cavalos nascidos em Portugal e 11 para cavalos de qualquer procedencia.

Quanto á separação dessas corridas pelas diferentes raças temos:

2 corridas para peninsulares, 4 para arabes e seus derivados, excluindo o anglo-arabe; 1 para cavalos de qualquer cruzamento, excluindo os filhos de puro sangue inglês; 7 para cavalos de todas as origens nascidos em Portugal; 6 para cavalos de todas as origens e procedencias.

O criterio do Jockey Club foi amplamente justificado, pois para o primeiro dia de corridas ha 30 cavalos inscritos e julgamos que, nos outros dias, ainda haverá maior numero de concorrentes.

E' evidente que só com muitos cavalos é que as corridas poderão despertar o interesse do publico, pois quanto maior for o numero de concorrentes, mais interessante se torna, não só o espectaculo da corrida, como tambem a aposta-mutua. Para informação dos seus leitores o *Diario de Lisboa* publicará amanhã, sabado, o prognostico dos resultados das corridas.

J. G.

A HOMENAGEM

ao dr. Antonio José de Almeida

As direcções do Centro Escolar Republicano Dr. Antonio José de Almeida e do Centro Republicano Dr. Manuel de Arriaga, resolveram levar a efeito, no proximo domingo, 15 do corrente, uma manifestação de simpatia ao sr. dr. Antonio José de Almeida, pela sua eleição como deputado pela capital.

Para que tenha uma feição verdadeiramente popular e uma grandiosidade condigna de tão inconfundivel figura, aquelas direcções convidam o povo republicano de Lisboa a associar-se a essa manifestação, deixando o seu bilhete de visita na Avenida Antonio Augusto de Aguiar, 114, residencia daquele ilustre cidadão.

Casa de Saude de Bemfica
Rua Duarte Galvão, 54 Telefone Bemfica 65

Casa de saude para medicina e cirurgia completamente remodelada e dotada de todo o conforto moderno. Galerias de repouso, aquecimento central, gabinetes de raios X e electroterapia (a cargo do dr. Carlos Santos, filho), laboratorio de analises, serviços completos de desinfecção, lavanderia, etc.

Enfermagem Suissa. Medico interno.

Pensão completa a partir de 70 escudos com 4 refeições. Preços especiais para longa permanencia.

Os doentes pódem escolher para medico assistente o clinico que entenderem.

Não se recebem alienados, nem doentes contagiosos.

O melhor café é o da "Chic"

NO CONSELHO DE MINISTROS

A questão

de confiança

já foi posta pelo chefe do governo

ao Presidente da Republica

O *Diario de Lisboa* fala como se tivesse assistido ao conselho de ministros ontem realisado.

De que se ocuparam os varios elementos que compõem o ministerio Domingos Pereira? Quais as conclusões a que se chegou? E a maneira pratica de efectivar essas conclusões?

Vamos a ordenar e a sistematisar quais as questões versadas e a forma porque o foram.

* * *

Questão politica. O governo, ou melhor o seu presidente, já apresentou a questão de confiança ao Chefe do Estado.

Do sr. Teixeira Gomes veiu esta resposta: que o ministerio continuava a merecer a sua inteira confiança e, ao que lhe parecia, a inteira confiança do país.

A hipotese de uma demissão imediata pode considerar-se afastada, portanto.

Mas ha quem, dentro do gabinete, pense em se ir embora. Primeiro, o seu proprio chefe; depois os ministros independentes. Com razão? Sem razão? Facto é que o problema já foi encarado, ao menos em conversa, procurando-se para ele uma solução que a todos satisfaça. E' dificil, mas talvez se arranje.

E depois temos o caso do sr. dr. João Camoezas. Este politico mandou ontem dizer que não comparecia ao conselho por se encontrar doente. Mas hoje esteve no seu ministerio. O desgosto do titular da pasta da Instrução Publica provem apenas da dificuldade que ha em se fazer passar a sua anunciada reforma de serviços.

O dr. João Camoezas teima em se ir embora. Mas tudo indica que não serão satisfeitos os seus desejos. O governo tem um justificado receio de que as medidas da especie de aquela que S. Ex.ª deseja promulgar, sejam tidas como ditatoriais. Daí as divergencias.

As coisas hão-de compor-se e é quasi certo este resumo: o governo continuará no poder, depois da declaração do Chefe do Estado, até 2 de dezembro, só então se tratando da renuncia presidencial e da substituição de ministerio.

* * *

Caminho de ferro de Benguela. O conselho assentou em que deve ser concedida a Mr. Wiliams a prorrogação de praso por ele pedida. Isto mediante compensações.

O governo, sobretudo depois de um telegrama do Alto Comissario de Angola, chamou o assunto a si e precisa resolvê-lo o mais rapidamente possivel.

Mr. Wiliams compensará o favor que lhe é feito. Mas o valor, a importancia, os termos dessa compensação é que ainda não estão fixados. A cifra de 300.000 lb., já citada e apontada como unica correspondendo aos interesses nacionais, parece não ser a verdadeira.

De resto, ha um aspecto juridico, grave e delicado, que convem acentuar e que foi, especialmente, posto nas mãos dos srs. ministros da Justiça e da Agricultura. O sr. Vieira da Rocha, das Colonias, não terá depois senão que resolver de acordo com o que o conselho determinar. A discussão em volta do problema tem sido demorada.

Agora só os detalhes são tratados. Uma vez que se aplanem as dificuldades surgidas, e isso deve ter lugar hoje, o caso deve considerar-se arrumado.

Assente, portanto, que seja concedida a prorrogação e que Mr. Williams pague as compensações que nos são, legitimamente, devidas.

* * *

Governos coloniais.

A situação do sr. Julio de Abreu, em Cabo Verde, é mais do que critica.

Factos averiguados: o governador não recebeu, como devia, o Principe de Gales; o governador anda envolvido em campanhas de caracter eleitoral, favorecendo uns candidatos com prejuizo de outros.

Terá, segundo tudo parece indicar, que ser substituido e num curto espaço de tempo. Numa palavra, um homem ao mar.

O sr. Velez Caroço virá á metropole e voltará á Guiné, sobretudo depois do seu insucesso de Portalegre.

Os atritos surgidos com o sr. Mariano Martins, da India, estão muito atenuados.

Ao contrario do que se supunha, este alto funcionario não repeliu o telegrama-circular enviado do ministerio do Interior a proposito das eleições. O facto de ao principio se supôr que era assim, fez com que estivesse preparado um telegrama do governo central, que bem pouco de agradavel tinha para o governador referido. Esse telegrama, que seria, ao que parece, assinado pelo proprio chefe do governo, não chegou, porém, a seguir, tudo se tendo composto.

A situação do sr. Azevedo Coutinho é hoje a que era ontem e a que era no dia em que ele embarcou para Moçambique.

Ha a impossibilidade manifesta do sr. Azevedo Coutinho de continuar, dado o seu estado de saude, em Lourenço Marques, mas nenhum facto novo veiu agravar a situação do Alto Comissario.

E a proposito dizem que as negociações para o convenio luso-transvaliano, que deviam prosseguir em 24 do corrente, na cidade de Pretoria, só continuarão no Cabo, onde se reune o parlamento sul-africano, em começo de Dezembro.

O MINISTRO DA GUERRA

fala-nos sobre o caso dos oficiais separados

O sr. ministro da Guerra muito hirto, muito militar, muito sério para o jornalista, trata o caso dos oficiais separados tambem muito hirto, muito militar, muito sério.

Diz assim:

—Mas eu não percebo a discussão que se está levantando em volta da questão. Simplicissimo. O «accordam» do Supremo diz que é inconstitucional o decreto de 6 de Maio, que separa do serviço determinados oficiais. O «accordam» tem força de lei.

—Que faz o governo?

—Manda o «accordam» para o «Diario». Por acaso, já o mandei. Passando a ser lei do país aplica-se; e os oficiais voltam automaticamente ao serviço.

—A colocação desses oficiais?

—Ainda não pensei nisso. Não tenho mesmo que pensar. Ha repartições que são ouvidas e, depois, os separados, entram nas escalas devidas. A mim, basta-me o trabalho que, dizendo respeito a outras coisas, ocupa o meu dia.

* * *

Numa confidencia:

—Olhe, hoje entrei para o ministerio ás sete horas da manhã e não parei um minuto.

—Reorganização de serviços?

—Não sei. Quando vim para aqui prometi a mim proprio trabalhar, revelando só o indispensavel. E' isso que estou fazendo.

O DESASTRE DE HOJE

UM "CAMION" desarvorado

pela rua da Fé abaixo

As ruas ingremes de Lisboa são um perigo, sobremaneira grave, para a modernização dia a dia crescente dos transportes. Os automoveis são cada vez mais numerosos. Os «camions» tambem. E, quando se faz uma descida na ladeira estreita de certas ruas, abertas no tempo em que o progresso das velocidades era ainda um problema de quimerica solução, quasi se torna preciso preparar para a viagem as declarações finais do testamento.

Dantes, o perigo vinha da lentidão, agora vem da pressa em que anda. E, como, para baixo todos os santos ajudam...

* * *

Quando hoje, por volta das 13 horas, um «camion» da «Shell» descia a rua da Fé, plano inclinadissimo e de apertadas ensanchas, que vem desembocar na rua antiga de S. José, a meia da via, os travões do carro negaram obediencia á manobra do motorista.

Com 2.600 quilos em cima, calculam os leitores o que deveriam ter sido a brutalidade da carreira e a aflicção do «chauffeur», quando o monstro veiu por ali abaixo de escantilhão, numa furia louca de esterminio.

A tragedia passou-se toda em coisa de segundos. Ouviram-se brados de aflição das pessoas que presenciavam a scena; o «chauffeur» exclamou que estava perdido; e mal tinha acabado de fazer aquela confissão de pavôr, «achou-se» sob um montão de taboas e vergas de ferro, estatelado contra a porta de uma salchicharia que lhe serviu de improvisado travão.

O carro amolgou-se de encontro á parede, como se fôsse de lata e lhe tivesse caído em cima a violencia duma martelada enorme; os «bibons», que vinham cheios de gazolina, rebolaram por ali fóra como carrinhos de linha; dois outros homens que vinham na carga — o conductor e um ajudante do «chauffeur» — foram cuspidos a distancia, salvando-se por milagre de morrer esborrachados. Um deles, Antonio Garção, ainda agora não está bem certo de que tenha o esqueleto inteiro. Outro, o conductor Mario dos Reis Pessoa, basta dizer que andou aos trambulhões com os barris da gazolina, como se fôsse um barril tambem.

E, pelo que respeita ao «chauffeur», que se chama Bento de Sousa e se tinha estreiado ontem, levaram-no para o hospital em estado de escangalhamento quasi igual ao do «camion» que lá está na rua de S. José, desmantelado de todo, á espera de que seja possivel transportá-lo para a loja de «ferro-velho» em que acabará seus dias.

EM ESPANHA

preparava-se a proclamação da Republica?

MADRID, 13.—Como medida de precaução, em consequencia da descoberta do «complot» de Barcelona, foram presos dois generais, quatro coronels, quatro capitães, varios oficiais subalternos e quinze sargentos.

Os conjurados tencionavam intervir militarmente para proclamarem a Republica.—(Havas).

DE LUTO

José Augusto Pinho

Faleceu hoje, na casa da sua residencia, o sr. José Augusto Pinho, irmão do sr. Manuel Pinho, chefe da tipografia do jornal «Os Sports». O funeral realiza-se ámanhã, da rua Sára de Matos, 48, 1.º, para o cemiterio dos Prazeres.

Provem os deliciosos Bifes da 'Chic'